



DOCÊNCIA QUE APROXIMA: A FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS NA ESPESSURA SENSÍVEL E EMERGENTE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

*TEACHING THAT BRINGS YOU CLOSER:
THE TRAINING OF PEDAGOGUES IN THE SENSITIVE
AND EMERGING THICKNESS
OF HIGHER EDUCATION*

*ENSEÑANZA QUE UNE: LA FORMACIÓN DE
PEDAGOGOS EN EL SENSIBLE Y EMERGENTE
ESPESOR DE LA ENSEÑANZA SUPERIOR*

Sandro Tiago da Silva Figueira¹

Resumo

Alinhavamos neste texto as feitura percorridas na formação de estudantes do curso de Pedagogia na interação escola-universidade-vida, ambientando aproximações com o sentir e perceber para forjar, a partir da convocatória da realidade social, um modo outro de formar docente indissociado da inteireza dos sujeitos. Interroga-se a significação subjetiva dos licenciandos enveredada nos caminhos de formação inicial na universidade para esboçar um itinerário que enfrente o esvaziamento do sujeito e abra-se ao encontro, ao diálogo, a palavra e a escuta dos contextos e das produções cotidianas existenciais dos graduandos na relação com os modos de *vivernarrarpesquisarformar*. Inscritos teórico-metodologicamente na pesquisa (auto)biográfica, dirigimos nosso olhar para a interlocução narrativa rascunhada na disciplina de estágio obrigatório, contextualizada em uma universidade federal do noroeste fluminense, para anunciar os transbordamentos emergentes, humanos e político-social do trabalho pedagógico.

Palavras-chave: Pedagogia; formação inicial; narrativas de formação; aprendizagem docente

1. figueiras.tiago@gmail.com. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal Fluminense (UFF/INFES). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais (FFP/UERJ) na linha de pesquisa Formação de Professores, História, Memória e Práticas Educativas. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas Vivências Didáticas Autorais - ViDA (CNPq). Doutor em Ciências (FIOCRUZ, 2017). <https://orcid.org/0000-0001-5351-0782>

Abstract

In this text, we have aligned the steps taken in the training of Pedagogy students in the school-university-life interaction, establishing approaches to feeling and perceiving in order to forge, from the call of social reality, another way of training teachers that is inseparable from the wholeness of the subjects. The subjective meaning of the undergraduates embarked on their initial training at university is questioned in order to outline an itinerary that confronts the emptying of the subject and opens up to encounter, dialog, words and listening to the contexts and existential daily productions of the undergraduates in their relationship with the ways of living-researching-forming. Theoretically and methodologically inscribed in (auto)biographical research, we turned our gaze to the narrative interlocution drafted in the compulsory internship discipline, contextualized in a federal university in the northwest of Rio de Janeiro, in order to announce the emerging, human and social-political overflows of pedagogical work.

Keywords: Pedagogy; initial training; training narratives; teacher learning

Resumen

En este texto, hemos alineado los pasos dados en la formación de los estudiantes de Pedagogía en la interacción escuela-universidad-vida, acercándolos al sentir y al percibir para forjar, a partir del llamado de la realidad social, otro modo de formación docente inseparable de la integralidad de los sujetos. Se interroga el sentido subjetivo de los estudiantes de grado embarcados en su formación inicial en la universidad para delinear un itinerario que confronte el vaciamiento del sujeto y se abra al encuentro, al diálogo, a la palabra y a la escucha de los contextos y producciones cotidianas existenciales de los estudiantes de grado en su relación con los modos de vivir-investigar-formar. Inscritas teórica y metodológicamente en la investigación (auto)biográfica, dirigimos la mirada a la interlocución narrativa elaborada en la disciplina de pasantía obligatoria, contextualizada en una universidad federal del noroeste de Río de Janeiro, para anunciar los desbordamientos emergentes, humanos y socio-políticos del trabajo pedagógico.

Palabras clave: Pedagogía; formación inicial; narrativas de formación; aprendizaje del profesorado

Introdução

Experimentar a formação inicial enquanto espaço aberto ao outro e a vida no movimento de enlaçar ações de aprendizagem docente, constitui o ponto central da pesquisa aqui discutida. Costuramos narrativamente o tempo conjugado às itinerâncias escolares pretéritas dos licenciandos em Pedagogia para desvelar encontros com o dito, o imaginado e o descortinado atravessados pelas contradições, oscilações e instabilidades, aqui assumidas, como anunciadoras de saltos de argumentação criativa diante dos desafios do presente.

Partimos das sinalizações apontadas por Gatti et al. (2019) sobre a relação entre a formação de professores e a educação básica que se apresenta, na contemporaneidade, em ambiências dissonantes e por desencontros, sobretudo pela dificuldade de oferecermos uma formação sólida que contribua para a construção de respostas pedagógicas adequadas às demandas da escola básica.

Consideramos que um dos pontos nevrálgicos das dificuldades enfrentadas no processo de formação de professores, no contexto do ensino superior, deriva-se principalmente, de projetos políticos-educacionais sem aderência às perspectivas de emancipação humana no trilhar da justiça social e cognitiva. Veiga e Silva (2020) confluem desta percepção sinalizando a secundarização da formação, para a educação básica nas políticas públicas, por meio do pouco avanço na qualificação de processos que fomentem condições para que estudantes compreendam e transformem a realidade.

Ainda neste cenário e pensando às condições de concretização do trabalho docente, vemos a insuficiência de um ambiente adequado aos processos de ensinar e aprender, reflexo de um processo de secundarização histórico da escolarização de sujeitos da escola pública. Souza e Sousa (2021) acrescentam que a falta de condições saudáveis de trabalho escolar, tais como a intensificação, autorresponsabilização e a precarização implicam nas dimensões objetivas e subjetivas de professores, levando-os a sentirem-se frágeis diante das demandas escolares.

Reconhecendo as dissonâncias atuais que configuram a paisagem docente e de formação desenhada por traçados duros que truncam o sentido humanizante e emancipador da relação pedagógica, movimentamos uma contrarresposta forjada por rupturas à fragilização do processo formativo no descortinar composições nutridas na criação de condições para que a vida-formação, com suas incompletudes e inacabamentos, amplifique perspectivas e possibilidades de elaboração/reelaboração de si.

Apostamos no acesso à dimensão subjetiva dos sujeitos em formação por meio da biografização (Delory-Momberger, 2012) como itinerância para enfrentar o esvaziamento do sujeito (Delory-Momberger, 2012) imposto pelas políticas educacionais provocadoras de desencontros (Gatti et al., 2019) e de secundarização da formação (Veiga e Silva, 2020). Objetiva-se assim, refletir a temporalidade da constituição docente no contexto da formação inicial de pedagogos, tensionando as interações e abrindo-se ao encontro entre palavra e escuta das produções cotidianas existenciais.

Assumimos, dessa forma, o necessário enfrentamento crítico-propositivo aos desenhos de formação docente alinhados à perspectiva economicista na educação, que defendem modos formativos aligeirados e acríticos. Romanowski, Mallat e Guimarães (2020) explicam que na trilha histórica do curso de Pedagogia, as relações entre políticas e a formação inicial sempre esteve presente, contudo, verifica-se no presente, um clima de incertezas nas discussões mais aprofundadas do processo de tornar-se docente, sinalizadas pelas políticas de desmonte do ensino superior.

Nesta esteira, D'Ávila e Santos (2022) complementam que o caos instalado na educação desde o golpe midiático-parlamentar de 2016 até o ano 2022, manifestado principalmente pela aprovação da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) e pela homologação da Resolução CN/CP 02/2019, ecoou nos processos de formação docente um grande esvaziamento de conteúdos e de objetivos voltados para o pensar crítico e criativo, uma vez que as diretrizes propunham formação alinhadas à lógicas prescritivas das competências.

Tomando este contexto obscuro, Vieira e Placco (2023) interrogam em uma pesquisa recente “Para que serve a escola? Sinalizam como resultados o processo de esvaziamento dos conteúdos, que favorece a manutenção das desigualdades sociais na educação e a ausência de tempo de reflexão sobre as questões que tensionam a escola. As autoras concluem que a formação é o principal desafio da escola para a atualidade.

Seguindo a esteira de indagações, Pimenta e Severo (2020) em seu trabalho indagam a concepção de professor, de profissional docente e de trabalho docente presente na Base Nacional Comum. Identificam uma associação do desempenho estudantil à dilemas da formação docente sem referências consistentes, demarcando uma visão reducionista em que a qualidade da educação dependeria da ação isolada do professor desassociada de políticas de formação.

Continuando suas análises com foco na formação de pedagogos, Pimenta e Severo (2020) sinalizam a carência de explicitação das bases de referência à identidade da Pedagogia com o uso de termos sem o devido esclarecimento conceitual produzindo um efeito tautológico ou redundante com atravessamentos sem lugar no texto a qual se vincula a paradigmas pragmatistas que entendem o aporte metodológico e de atuação docente dissociado de um referencial problematizador das finalidades, significados sociais e educativos que orientam a ação dos professores e das escolas.

Nesta conjuntura destacamos a Resolução CNE CP nº 04 de 2024, que dispõe das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica, amplificando a complexidade e os desafios que mergulham a formação de professores, em especial, a formação de pedagogos.

Segundo Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação²(ANFOPE), em nota publicada em 28 de setembro de 2024, a Resolução CNE/CP nº 4 de 2024 não foi elaborada de modo dialógico com os segmentos docentes; careceu de uma discussão ampla para sua construção; faltou articulação entre a formação inicial, a formação continuada docente e a valorização dos professores, silenciando, dessa forma, os aspectos que implicam na valorização docente.

Assim, neste posicionamento da ANFOPE, é ressaltado o distanciamento da Resolução frente às concepções e proposições que tem sido produzido pelo campo da formação de professores nos últimos 40 anos, sobretudo no que tange a defesa da perspectiva da compreensão sócio-histórica da educação nos processos formativos docentes. Logo, corroboramos com este posicionamento por entender a necessária construção coletiva de política de formação que se faça orgânica e dialógica com formação e valorização de professores/as, conforme já apontavam Gatti et al. numa publicação no ano de 2019, de que para alcançarmos a educação de qualidade socialmente referenciada é fundamental a promoção da valorização dos professores e o devido investimento em sua formação inicial e continuada.

Podemos perceber com os diálogos teóricos até aqui estabelecidos, que a docência, a partir das políticas educacionais, sofreu um reducionismo intencional na sua dimensão de prática social nos últimos anos, transformada em um trabalho prescritivo e restritivo quanto à autoria

2. Disponível em: https://www.anfope.org.br/wp-content/uploads/2024/04/Nota-Anfope_correcao_final.pdf

docente e autonomia, numa ambientação tecnicista que deixa de fora as diferenças socioculturais e as subjetividades (D'Ávila e Santos, 2022).

Investindo na subjetividade como aposta epistemopolítica (Souza, 2023; Passeggi e Souza, 2017) que tem o ser humano no centro da reflexividade (auto)biográfica para “elaborar táticas de emancipação e empoderamento, suficientemente boas para superar interpretações culturais excludentes, que o oprimem” (p.6) e a biografização (Delory-Momberger, 2012) enquanto dimensão de interrogação da experiência em esquemas temporais que organizam gestos, comportamentos e ações entrelaçadas às narrativas, delimitamos nossa inscrição teórico-metodológica na pesquisa (auto)biográfica, focalizando o olhar na interlocução narrativa experimentada na disciplina de estágio obrigatório, contextualizada em uma universidade federal do noroeste fluminense.

Interrogando os traçados que dão forma à experiência

A pesquisa aqui problematizada se debruça no campo da formação de professores e dentro dessa temática, focaliza a temporalidade da formação inicial de pedagogos no sentido de mobilizar enfrentamentos e busca de respostas aos aspectos sociopolíticos que sinalizam a esterilização do pensamento crítico da autoria docente.

Inscritos teórico-metodologicamente na pesquisa (auto)biográfica em educação (Souza, 2023; Bragança, 2018; Passeggi e Souza, 2017) situamos nossas reflexões no caminho de produção de outros modos de aprender a formar docentes, movimentando ações de aproximar-encontrar-escutar os fazimentos que se tecem desde a vida nas multiplicidades das trajetórias formativas.

Este modo de pesquisar e formar, que aqui defendemos, tem como centralidade a recuperação do sujeito nos processos de produção de conhecimentos, englobando a inteireza humana ao focalizar a experiência. Passeggi e Souza (2017) evidenciam quatro orientações que vinculam o movimento (auto)biográfico no Brasil, a primeira que considera as narrativas como um fenômeno antropológico que articula processos de individuação e de socialização dos seres humanos, visto que ao narrar experiências enlaçamos a história social. A segunda orientação demarca o uso das narrativas não apenas para produzir conhecimentos sobre as práticas sociais, mas para perceber como os indivíduos dão sentido a elas, incorporando assim a terceira orientação, enquanto dispositivo de pesquisa-formação que institui o sujeito como pessoa interessada. A quarta orientação sintetiza a natureza discursiva da abordagem, apontando a diversidade de recursos para grafar a vida.

As quatro orientações aglutinam o caráter epistemopolítico da abordagem, no sentido de opor-se a ausência do sujeito e da capacidade humana de reflexividade na interpretação da vida e da elaboração de conhecimentos conscientes das pressões que destituem

direitos e embotam o pensar crítico. Em tempos de duros golpes, explica Bragança (2018), afirmar uma metodologia de pesquisa-formação que implica abertura e compromisso político de dialogar com a vida possibilita rascunhar projetos de sociedade que insistimos em construir na vertente emancipatória.

Evidenciando as escolhas políticas e epistemológicas da abordagem (auto)biográfica na pesquisa em educação, Bragança (2018), explica que “[...] a presença dos parênteses aponta para o limiar de uma narrativa de um “auto” que se constitui e se expressa com os outros, como expressão vital que envolve necessariamente as relações socioculturais que nos atravessam e habitam” (p.69).

Estabelecer um diálogo entre as relações socioculturais da abordagem (auto)biográfica com a formação inicial de pedagogos, recorte da presente pesquisa, nos insere nas discussões sobre o ser Pedagogo. Gatti et al. (2019) ressaltam que a Licenciatura em Pedagogia está imersa em questionamentos envolvendo críticas aos aspectos formativos, entendidos como estanques e fragmentados, devido ao desafio curricular de responder a 16 aptidões, conforme expressa as Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 2006) do curso.

Para as autoras, são atribuídos ao curso de Pedagogia formar professores para a educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental, magistério no ensino médio e outras três grandes funções expressadas no artigo 4º, a saber: I – planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da educação; II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares; III – produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares”.

Reconhecendo a complexidade da formação de Pedagogos, as autoras destacam do contexto político atual, a ausência de consideração de modo concreto, sobretudo o pouco investimento na formação inicial, deixando a desejar a qualidade da oferta. Tal percepção corrobora com a nossa defesa de tensionar a constituição docente de pedagogos, explorando as interações e provocando levantes de encontro entre palavra e escuta das produções cotidianas existenciais.

Provocar a construção de olhares outros nos estudantes em formação inicial docente torna-se urgente, abrindo perspectivas reflexivas críticas e (cri)ativas a favor das práticas pedagógicas comprometidas com a autoria e autonomia intelectual incorporadas na pluralidade humana para a construção de dimensões aprendentes significativas aos desafios do cotidiano escolar.

Voltando-se para o universo escolar com suas questões nevrálgicas, Veiga e Silva (2020) argumentam que o cenário político e educacional presente tem confrontado o papel das instituições de ensino e a atuação do professor num lócus de secundarização, pouco avançando na qualificação dos processos de ensino-aprendizagem organizados “para criar as condições favoráveis para que os estudantes compreendam e transformem a realidade” (p.44).

Esta secundarização da educação, sobretudo pública, é apontada por D'Ávila e Santos (2022), como ações da esteira privatista influenciadas por ideologias mercantilistas e meritocráticas do ensino desde o segmento da educação básica até o ensino superior. Ambos os níveis de ensino são pressionados para servir ao imediatismo do mercado de trabalho, negando a complexificação do pensamento aos seus sujeitos, sobretudo da população mais empobrecida do país, esvaziando os conteúdos e objetivos voltados para o pensar crítico e criativo.

Ressaltamos que a concepção privatista no contexto educacional está centrada na dimensão do lucro, na direção de gerar riquezas a partir das desigualdades sociais; enquanto, no sentido oposto, e por nós aqui defendida, está a concepção do público, assentada da dimensão do direito voltada para a construções de relações igualitárias e plurais com justiça social e cognitiva.

Trazendo para o contexto da educação superior, recorte do presente artigo, a nocividade da concepção privatista apresenta efeitos perversos, os quais D'Ávila e Santos (2022), Libâneo et al. (2022) e Pimenta e Severo (2020) demarcam: restrição do trabalho docente a um trabalho prescritivo baseado na lógica de resultados, redução do processo de aprendizagem a um processo reprodutivo que desrespeita características locais, orientação político-pedagógica neotecnista refletida no modelo do currículo por competências, a ênfase da formação de professores voltada ao mercado de trabalho.

Assumimos que tal perspectiva se constitui em obstáculos à docência humanizante, emancipadora e democrática, requerendo de nós, professores e professoras do ensino superior, (re)existências propositivas nos movimentos formativos docentes, apurando o olhar dos estudantes em formação inicial, para ver com mais detalhe e profundidade os impeditivos de realização de uma docência como fonte de humanização e de compromisso social e político.

Tomando este panorama, apostamos na docência que aproxima como caminho para o enfrentamento ao esvaziamento do sujeito (Delory-Momberger, 2012), proposto pelas diretrizes neotecnistas na formação de professores, que reduzem a profissão ao exercício mecânico de atingimento de metas relacionadas as matrizes de competências e habilidades.

Delory-Momberger (2012) explica que vivemos em tempos de modernidade expandida no qual sofremos para encontrar nossas marcas humanizantes, devido, sobretudo, a desconstrução de nossa identidade biográfica por meio de incursões que levam ao esvaziamento do sujeito. Tais incursões, de vida-formação, cada vez mais ligeiras, subtraem as formas e significação da existência.

Pensando nas dimensões que materializam à docência na relação de ensino-aprendizagem, compreendemos que o agir pedagógico pauta-se em movimentos de significação, contudo, vemos nas investidas mercadológicas na formação docente uma ambiência nebulosa para a constituição de significados e sentidos ao aprender, por assumirem o ensino como treinamento de habilidades necessárias a padronização das ações pedagógicas para o atingimento de melhores escores nas avaliações externas e de ranqueamento internacional.

Diante desse quadro, Libâneo (2020) assevera sobre a importância de mobilizarmos clareamentos de posições, refinamento de conceitos dentro de um projeto de educação emancipatória e participante dos processos de transformação estrutural da sociedade. Nessa esteira, Pimenta e Severo (2020) complementam que nesta segunda década do século XXI, avolumam-se políticas produzidas por agentes financistas neoliberais instituindo alterações nos cursos de licenciaturas com foco praticista afirmando que basta uma formação prática, pois na acepção deles, “o professor é um simples técnico prático, com identidade frágil, executores de scripts e currículos” (p.104).

Atentos à ambiência político-privatista que busca introduzir estratégias limitantes e de simplificação da docência, construímos uma contrarresposta que fomenta percursos de formação de Pedagogos, ambientadas numa docência que aproxima, enlaçando a inteireza do sentir movimentada pela experimentação das palavras ditas e, por conseguinte, o desinstale narrativo condutor do agir numa perspectiva emancipatória e socialmente justa.

Entendemos que a interação entre o experimentar e o desinstalar abre-se ao encontro de cada licenciando com suas próprias palavras que habitam a trajetória de vida-formação até então percorrida, possibilitando reconhecer-se como sujeito, “ator biográfico de sua própria vida” (Delory-Momberger, 2012, p.48). O encontro com as palavras ditas ou silenciadas se desenrola pelas narrativas de formação que descortina o “[...] pensar sobre a singularidade do conhecimento experiencial construído” (Bragança, 2018).

Argumentamos, nessa caminhada reflexiva, que a escrita das narrativas de formação possibilita o acesso à memória das diferentes temporalidades formativas num itinerário sensível de aproximação com a história de vida de cada sujeito. Neste itinerário marcado pela conscientização, clarifica-se as fraturas e as marcas de um passado de escolarização que se faz presente e convoca significação.

Itinerar paisagens biográficas rascunhadas no coletivo

O itinerário empírico do presente texto contextualiza-se no interior do estado do Rio de Janeiro, na região do noroeste fluminense, em uma universidade federal. Nosso olhar direciona-se para a formação inicial de pedagogos no sentido de refletir com os encontros alinhavadas nas aulas da disciplina de estágio obrigatório dos anos iniciais.

A disciplina de estágio em nossa universidade denomina-se Pesquisa e Prática Educativa e tem como núcleo principal a unicidade teoria-prática fomentada pela pesquisa com a escola e seus sujeitos. O itinerar das aulas ambienta-se por uma docência que aproxima diálogos e escuta das produções cotidianas existenciais dos licenciandos na relação com os modos de viver a escola enquanto estagiários e futuros pedagogos.

Nossa intenção, enquanto formadores de professores, é a de provocar nos licenciandos modos de vivernarrarpesquisarformar (Bragança, 2018) com as experiências nas escolas dos anos iniciais. A aposta epistemológica parte do reconhecimento da ação pedagógica como constituidora de paisagens em uma rede de significações que necessitam de um enfrentamento consciente para [...] enxergar e escutar bem o problema que apresenta” (Souza e Souza, 2021, p.100).

Trazemos para o espaço deste artigo trechos das narrativas de formação da turma de pedagogia, sétimo período, quando foram provocados a acessarem suas próprias palavras para refletirem a questão: O que as situações e desafios do estágio me provocou?

Esta dinâmica ocorreu no segundo semestre de 2023 por meio da escrita narrativa, durante a aula, seguida de socialização em roda de conversa.

A perspectiva ética adotada para o trabalho com as narrativas fundamentou-se em Mainardes e Carvalho (2019) nos princípios da “autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa” no qual o próprio pesquisador manifesta, por meio escrito, os princípios, os procedimentos e as demais questões éticas envolvidas no processo de pesquisa para os sujeitos participantes da investigação. Comungamos com Mainardes e Carvalho (2019) quando destacam que a ética na pesquisa em Educação é uma questão que deve integrar o processo de formação de pesquisadores, que em nosso entender, dialoga com a perspectiva teórico-metodológica aqui desenvolvida.

O processo de análise e compreensão das narrativas de formação pautou-se na tematização (Fontoura, 2011), que segundo a autora consiste em uma técnica de identificação dos núcleos de sentido que compõe a comunicação a partir da organização das informações coletadas e articuladas com uma fundamentação teórica bem estruturada. Dessa forma, tem-se como procedimentos a leitura atenta para precisão dos focos, demarcação e delimitação do corpus de análise (inicialmente em recortes do texto em unidades de registro podendo ser ideias, palavras, frases), levantamento dos temas, definição das unidades de contexto (trechos mais longos) e unidades de significado (palavras ou expressões) e o tratamento dos dados.

A seguir apresentamos as unidades de significados depreendidas no percurso da análise temática integrada ao corpo do texto. Justificamos a incorporação das narrativas aos parágrafos por coadunar de modo “epistemopolítico” (Passeggi e Souza, 2017) à inteireza na formação de professores.

A licencianda em Pedagogia C3, narra, em tom de revisão, as sensações que ecoaram durante a realização do estágio, destacando que durante o período em que vivi o estágio me senti de volta aos meus dias de escola, o que me deixou surpresa, pois esperava que em pelo menos

3. Utilizamos letras iniciais para manter o anonimato dos participantes.

10 anos já haveria alguma mudança nas metodologias e métodos avaliativos, mas continuam os mesmo desde que me lembro de quando era aluna.

O sentimento de surpresa sinalizado pela estudante C centra-se em questionamentos sobre a didática que permaneceu inalterada desde sua saída dos anos iniciais, há dez anos, revelando que a memória escolar é produtora de interrogação quando acessada em tom narrativo.

Souza e Sousa (2021) explicam que o exercício da memória sobre os espaços de experiência efetua o elo entre tempo e narrativa levando à expansão da nossa própria biografia, possibilitando a evidência das “disposições que mostram como a vida de uma pessoa está entrelaçada à vida de tantas outras, como a nossa história individual está vinculada à história coletiva. Por meio dessas histórias individuais, identificamos processos sociais” (p.105)

Inferimos que a narrativa da estudante C evidencia processos sociais que marcam a docência no tempo presente ambientada em políticas de formação demarcada no controle do que o professor deve ensinar e na definição externa à escola de conhecimentos predefinidos por testes standardizados, desconsiderando a autonomia e a intelectualidade para o desenvolvimento de processos pedagógicos efetivamente críticos.

Trazendo ressonâncias sobre os modos de perspectivar o agir docente com a memória escolar a licencianda em pedagogia L acessa suas palavras para rascunhar modos atentos e conscientes de atuação na relação professor-aluno, revelando que:

Voltar à escola como estagiária foi uma experiência muito especial, pois, além de ser o ambiente onde vivi minha infância e minha formação inicial, agora eu a observava com um olhar mais atento e consciente, já como uma futura pedagoga. A sensação de retornar ao meu ponto de partida acadêmico, agora com uma perspectiva profissional, me trouxe uma sensação de honra e gratidão imensa. Reviver aqueles espaços e, mais ainda, poder contribuir de alguma forma para o processo de aprendizagem das crianças, fez com que eu me sentisse ainda mais conectada com minha trajetória e com os desafios que o caminho da educação exige.

Ao apontar as sensações descortinadas no estágio, a estudante L destaca o agradecimento por retornar à escola em que cursou os anos iniciais, evidenciando as boas práticas docentes vividas naquela instituição, em um tempo pretérito, como estimuladoras da docência mais conectada com minha trajetória e com os desafios que o caminho da educação exige.

Percebemos que a memória da estudante L, reverbera o agir profissional de futura pedagoga articulada às demandas formativas, indicando a necessária conexão com os conhecimentos que o contexto escolar emana. Romanowski, Mallat e Guimarães (2020) corroboram com esta assertiva quando enfatizam que a “[...] dinâmica da prática pedagógica, se constitui conhecimento fundante para a docência que se concretiza no espaço e tempo escolar, portanto, conhecimento poderoso para formação e a profissionalização docente” (p.22).

Aprende-se com a narrativa da estudante L, que o conhecimento intimamente relacionado com a escola e as memórias dos sujeitos movimentam composições e deslocam redes de aprendizagem diante dos desafios pedagógicos, uma vez que “empodera o sujeito para atuar, para participar e vislumbrar novas soluções para os problemas da sociedade (Vieira e Placco, 2023, p. 2).

Na esteira do vislumbre, o licenciando J põe em diálogo as contradições que impregnam à própria condição de sujeito na formação docente, narrando que embora tenha me lembrado de recortes um tanto sombrios do início de minha vida escolar, também me foi descortinado tempos alegres e com certa magia. Num dos dias de estágio, andando pelos corredores, lembrei-me da minha antiga primeira série, nos longínquos anos de 1993, de quando minha querida professora, cujo o nome era Meralina, nos deu uma folha, com um quadrado desenhado no centro, daquele quadrado formaríamos um desenho, do desenho criaríamos uma história. Desenhei uma chave, minha história era sobre uma chave mágica, que conseguia abrir qualquer porta, na época, não dei muita importância ao que tinha escrito, porém, fui abordado no corredor por uma outra professora, que disse ter gostado muito, não sei, mas talvez, em meu subconsciente, o que eu queria é que portas fossem abertas, já que vivíamos em condições um pouco precárias.

O licenciando J. toma suas palavras para forjar significados outros diante das contradições que habitam a memória escolar. Reconhece, com a metáfora da chave, a possibilidade da abertura ao habitar, de forma emancipatória e consciente, a espacialidade da feitura docente com compromisso social e contra as desigualdades sociais.

O movimento reflexivo de significar respostas frente às contradições da vida-formação, alinhavado pelo estudante J, encontra base nas sinalizações de Romanowski, Mallat e Guimarães (2020) que enfatizam a importância de processos de formativos que se pautem na “clareza de que a educação e, especialmente, a formação de professores estão sempre inseridas num processo de contradição, avanços e retrocessos, no que toca ao atendimento das necessidades sócio-históricas” (p.10).

Ao colocar em diálogo as narrativas de formação das licenciandas C., L. e do licenciando J., identificamos argumentações que tangenciam a formação de pedagogos na educação superior polinizadas na dimensão de significação da memória escolar. Encontramos palavras povoadas por gestos que conceituam o espaçotempo do fazer docente por meio da experimentação narrativa e do deslocamento de sentidos no caminho singular de cardação das palavras – nossas próprias palavras movimentadas no transbordar com o outro.

Concordamos com Souza e Sousa (2021) quando destacam que “o passado, com suas memórias, nos leva a identificar padrões, maneiras de lidar com os acontecimentos, a perceber como nos relacionamos conosco e com os outros. O presente é esse lugar de transição entre quem somos e quem podemos ser” (p. 104). Percebemos que as narrativas de formação evoca-

ram, no presente, questionamentos sobre que docente eu quero ser entrelaçado nas memórias escolares, tangenciando dimensões caras à profissionalização: didática, trajetória de formação e o diálogo com as contradições político-sociais.

Neste entrelaçamento vemos a escola, este espaço significado no qual são pensadas e praticadas as intencionalidades da formação humana pelo viés da educação. Narrando, potencializamos consciência e abraçamos, nos contextos formativos, as percepções e concepções sobre a organização do trabalho pedagógico, das relações com os alunos, trazendo como levante de compreensão os atravessamentos que transformam a cada um e a todos da relação pedagógica.

Compreensões finais

Aproximar-encontrar-escutar os fazimentos que se tecem desde a vida escolar até a formação inicial de pedagogos foi o nosso caminhar neste texto. Assumindo o objetivo de refletir com a temporalidade da constituição docente tencionamos interações com as narrativas de formação de três licenciandos abrindo-se ao encontro entre palavra e memória das produções cotidianas existenciais.

Reconhecendo que o atual cenário político e educacional da formação de professores encontra-se mergulhado em secundarizações e inibições diante de diretrizes atreladas aos financistas da educação emanando pouco avanço “na qualificação dos processos didáticos organizados para criar condições favoráveis para que os estudantes compreendam e transformem a realidade” (Veiga e Silva, 2020, p. 44), direcionamos nosso olhar para tecer proposições argumentativas a favor da autonomia universitária, docente e didática, com foco na transformação social.

A partir das narrativas de formação compreendemos a potência que reside no acesso à memória escolar enquanto caminho de conscientização e de mergulho na própria singularidade que constitui os sujeitos em formação inicial. A singularidade de cada licenciando evidenciou que a memória escolar é produtora de interrogações quando acessada em tom narrativo para forjar significados outros diante das contradições que habitam a formação docente.

Concluimos argumentando que a formação de professores, em especial de pedagogos, precisa provocar a consciência que possibilite sentir a própria presença no percurso formativo, alimentando o agir pedagógico comprometido intelectualmente com o desenvolvimento humano na perspectiva emancipatória. Para isso, defendemos uma docência que aproxima palavras reflexivas e críticas com a prática educativa, ecoando sentidos de fluidez e intensidade na espessura sensível e emergente no ensino superior.

Referências

- ANFOPE. Nota da Anfope sobre o Parecer CNE/CP nº 4/2024. 2024. Disponível em: <https://www.anfope.org.br/nota-da-anfope-sobre-o-parecer-cne-cp-no-4-2024-2/>. Acesso em: 26 abril de 2024.
- BRASIL. **Resolução CNE/CP Nº 4**, de 18 de maio de 2024. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados não licenciados e cursos de segunda licenciatura). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=258171-rcp004-24&category_slug=junho-2024&Itemid=30192 Acesso em: 23 ago. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.
- D'ÁVILA, Cristina, SANTOS, Edmea. Ecos da necropolítica neoliberal sobre o currículo na Educação Básica e na Educação Superior. **Rev. Eletrônica Pesquiseduca**. Santos, V.14, N.36, p. 948-960, mai.-ago, 2022. Disponível em <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1390>. Acesso em (7mar. 2023).
- DELORY-MOBERGER, Christine. **A condição biográfica**: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Natal, RN: EDUFRRN, 2012.
- FONTOURA H. A. Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. In: Fontoura H. A (Org.) **Formação de professores e diversidades culturais**: múltiplos olhares em pesquisa. Niterói: Intertexto, p. 61-82, 2011.
- GATTI, B. A. A prática pedagógica como núcleo do processo de formação de professores. In: GATTI et al. *Por uma política nacional de formação de professores*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- GATTI, Bernardete A. et al. **Professores do Brasil: novos cenários de formação**. Brasília, DF: Unesco. Acesso em: 11 set. 2023, 2019.
- LIBÂNEO, J. C. Implicações epistemológicas no campo teórico, investigativo e profissional da Didática e desafios políticos e pedagógicos-didáticos em face ao desmonte da educação pública. In: CANDAU, V. M; CRUZ, G. B.; FERNANDES, C. (orgs.) **Didática e fazeres-saberes pedagógicos**: diálogos, insurgências e políticas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- PASSEGGI, M. C; SOUZA, E. C. O movimento (Auto)Biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. *Revista Investigación Cualitativa*, 2 (1), 2017 p.6-26.
- PIMENTA, S. G; SEVERO, J. L. R. de L. A didática na Base Nacional Comum da formação docente no Brasil – Guinada ao tecnicismo no contexto da mercadorização da educação pública. In: CANDAU, V. M; CRUZ, G. B.; FERNANDES, C. (orgs.) *Didática e fazeres-saberes pedagógicos*: diálogos, insurgências e políticas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro; SILVA, Edileuza Fernandes. Para onde vão a didática geral da educação superior e as didáticas específicas? In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; FERNANDES, Rosana César Arruda. **Por uma didática da educação superior**. Campinas-SP: Editora Autores Associados, p. 41-60, 2020.
- VIEIRA, Marili Moreira da Silva; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. Finalidades educativas escolares: Para que serve a escola? Uma reflexão para a formação de professores. **Anais**. 41ª Reunião Nacional da ANPEd Educação e equidade: bases para Amar-zonizar e reconstruir o país. 2023.